

DÍVIDA EXTERNA

Marcílio diz não ter ilusões

Ministro se encontra com Brady, começa a negociar a dívida e não quer fazer promessas

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, começou a percorrer ontem o espinhoso caminho das negociações da dívida externa com um encontro com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady. É um ritual que ele conhece de perto e sobre o qual não tem ilusões. Como embaixador em Washington desde fins de 1986, acompanhou seus quatro antecessores no comando da Economia brasileira em todas as negociações ensaiadas ou concluídas pelo País.

Marcílio enfrenta um quadro interno e externo muito mais adverso do que Dilson Funaro, Luiz Carlos

Bresser Pereira, Mailson Nóbrega e Zélia Cardoso de Mello encontraram quando assumiram o cargo. "O que mudou é a consciência da própria sociedade brasileira de que não é mais possível conviver com a inflação e que é indispensável realizar reformas estruturais", disse o ministro. Marcílio indicou que entra na negociação sem ilusões quanto ao que o País poderá oferecer ou o tipo de apoio que espera receber. "Não vamos prometer milagres, mas podemos prometer muito trabalho, muita tranquilidade e também uma modesta reaceleração do crescimento econômico tão logo a situação fiscal e monetária estiver consolidada".

O ministro relatou a Brady o programa de ação de oito pontos e ouviu de seu colega americano a manifestação de apoio condicionado que já esperava. Brady "repetiu o havia dito ao presidente Collor: que acompanhará com muito interesse este processo e, sempre que necessário, procurará cooperar conosco", afirmou.

O rumo dos preços não está entre as preocupações imediatas de Marcílio. "Podemos assegurar que a inflação irá caindo aos poucos", afirmou. Hoje, Marcílio tentará vender essa tese ao diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, com quem precisa acertar os parâmetros políticos da negociação de um acordo de estabilização. Esta é considerada a parte mais difícil da operação. A questão é saber se o que o Brasil pode realisticamente prometer é suficiente para fazer um acordo. Para Camdessus, a decisão também é complicada, pois a ausência de um acordo interromperá o processo de normalização das relações com os bancos internacionais.

Marcílio está em Washington também para despedir-se formalmente do cargo de embaixador. Para isso, ele fez ontem uma rápida visita ao vice-presidente Dan Quayle e ofereceu um coquetel para centenas de convidados na residência oficial da embaixada brasileira em Washington.